

PARA UMA COMPREENSÃO DA EPISTEMOLOGIA MARXISTA

PEDRO CAVALCANTI³

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar as bases da epistemologia de Karl Marx e Friedrich Engels com base na obra “O Manifesto Comunista”, tendo como objetivo um aprofundamento referente a investigação teórica dos autores, a partir de sua filosofia e seu método científico, quanto ao modo o qual as sociedades se organizam historicamente através de seus processos de produção e sua consequente divisão antagônica de classes sociais, para então compreender sua análise quanto ao capitalismo e a apresentação de um novo modelo de sociedade. Este trabalho está dividido em três partes: O materialismo histórico-dialético e sua utilização para uma compreensão da história das sociedades; As Lutas de Classes e sua atualidade no Capitalismo e a proposição do Comunismo pelos autores, entendendo que *O Manifesto Comunista* é uma proposição de uma nova sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo, Lutas de Classes, Materialismo Histórico-Dialético, Comunismo.

ABSTRACT

This work tries to present the bases of the epistemology of Karl Marx and Friedrich Engels based on the work “The Communist Manifesto”, aiming a deepening referring to the theoretical investigation of the authors, from their philosophy and their scientific method, as to the mode which societies organize themselves historically through their production processes and their consequent antagonistic division of social classes, to then understand their analysis of capitalism and the presentation of a new model of society. This work is divided into three parts: Materialism historical-dialectical and its use for an understanding of the history of societies, Class Struggles and their actuality in Capitalism and the proposition of Communism by the authors, understanding that The Communist Manifesto is a proposition of a new society.

KEYWORDS: Capitalism, Class Struggles, Historical-Dialectical Materialism, Communism.

3. Discente do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco.



INTRODUÇÃO

O marxismo é um conjunto de ideias e método de análise da constituição dos modos de organização das sociedades enquanto modo de produção, a partir de um entendimento da história e da economia, além de uma quebra com uma forte tradição filosófica do idealismo.

Esse modo de observação da história e da economia parte do método marxista, o materialismo histórico-dialético, cujas premissas são a observação das condições materiais presentes na organização das sociedades e causadoras de sua existência, manutenção e possível fim.

O materialismo marxista é uma concepção filosófica que compreende a realidade da vida social através das relações concretas que possibilitam a manutenção da vida.

O materialismo marxista é histórico e dialético. Histórico no sentido de que a observação feita das sociedades, a partir da materialidade, é de que a história destas estruturas sociais e sua organização tem como pressuposto as condições materiais das mesmas a partir de seus processos socioeconômicos. A dialética materialista é a condição filosófica da observação dos processos da história das sociedades através das contradições materiais que condicionam a existência do determinado modo de produção e da vida no mesmo.⁴

De acordo com a concepção materialista da história, o elemento determinante final na história é a produção e reprodução da vida real. Mais do que isso, nem eu e nem Marx jamais afirmamos. Assim, se alguém distorce isto afirmando que o fator econômico é o único determinante, ele transforma esta proposição em algo abstrato, sem sentido e em uma frase vazia. As condições econômicas são a infra-estrutura, a base, mas vários outros vetores da superestrutura (formas políticas da luta de classes e seus resultados, a saber, constituições estabelecidas pela classe vitoriosa após a batalha, etc., formas jurídicas e mesmo os reflexos destas lutas nas cabeças dos participantes, como teorias políticas, jurídicas ou filosóficas, concepções religiosas e seus posteriores desenvolvimentos em sistemas de dogmas) também exercitam sua influência no curso das lutas históricas e, em muitos casos, preponderam na determinação de sua forma. Há uma interação entre todos estes vetores entre os quais há um sem número de acidentes (isto é, coisas e eventos de conexão tão remota, ou mesmo impossível, de provar que podemos tomá-los como não-existentes ou negligenciá-los em nossa análise), mas que o movimento econômico se assenta finalmente como necessário. Do contrário, a aplicação da teoria a qualquer período da história que seja selecionado seria mais fácil do que uma simples equação de primeiro grau. (ENGELS, 1890).

4. A dialética marxista deve sua existência ao conceito de dialética do filósofo Georg Hegel, porém, é fundamentalmente diferente desta, pois a dialética hegeliana é em si idealista, entendendo os processos dialéticos como uma oposição de ideias que, ao entrarem em conflito, gerariam através de um consenso uma síntese destas ideias, enquanto a dialética marxista parte do princípio materialista de que o movimento das coisas na sociedade e na história ocorre através das contradições referentes as condições materiais de vida.



Engels explicita a necessidade de entender o materialismo histórico não como apenas uma condição de análise dos fatores econômicos da história. No materialismo histórico e dialético, os fatores econômicos são base para o entendimento da organização da produção, para então depois entender como o mesmo exerce influência sobre as relações sociais e a manutenção das condições materiais de vida.

Com a utilização do materialismo histórico-dialético, Marx e Engels na obra *O Manifesto Comunista*, apontam para uma característica central dentro do estudo da história das organizações sociais: a de um antagonismo de classes em todos os modos de produção até então, as Lutas de Classes.

Com isto, os autores fazem a proposição de um novo modo de produção cuja característica seria a de quebra desse antagonismo de classes, que com a instauração do Capitalismo, modo de produção mais recente, não desapareceu, apenas se sofisticou e aprimorou os meios de exploração do homem pelo homem.

1. AS LUTAS DE CLASSES E O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

O Manifesto Comunista discorre sobre a condição de existência do Capitalismo através dos fatores que vieram a origina-lo, e de como o novo modo de produção veio, através de seu processo revolucionário, a substituir o antigo modo de dominação por meio das condições materiais de vida pelo seu, instituindo um novo modo de vida, porém, mantendo características cruciais condicionantes de sua existência.

Uma das primeiras coisas para qual os autores apontam (1998. p. 40), é o fato de que “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes.”. Os autores veem em todas as sociedades organizadas até então, através de seu método, um antagonismo específico entre classes dominadas e classes dominantes, uma contraposição material entre as mesmas, por suas condições de existência enquanto classes, e essa existência enquanto classes é ao mesmo tempo o que condiciona a existência dos modos de produção observados na história.

A distinção de classes sociais específica no Manifesto referente a constituição do Capitalismo se dá a partir de uma característica específica: a de posse dos meios de produção⁵. Através do materialismo histórico-dialético, a organização das sociedades historicamente é entendida por meio de seus processos de produção e a influência desses nas relações referentes a manutenção das condições materiais de vida.

5. Por meios de produção entende-se as empresas, as fábricas, os locais onde através do trabalho é gerada uma remuneração que possibilita a manutenção das condições de vida.



O Capitalismo, ao revolucionar o antigo modo de produção e se consolidar como modelo dominante, sofisticou o processo de dominação por classe, estabelecendo duas novas classes específicas: a classe burguesa e a classe trabalhadora.

A classe burguesa, no Capitalismo, é a classe dominante. Ao revolucionar o modo de produção, tornou-se detentora dos meios de produção, e a partir disto, proporcionou um novo modo de organização das forças produtivas a partir da lógica da produção e do lucro sobre ela.

Cada etapa da evolução percorrida pela burguesia foi acompanhada de um progresso político correspondente. Classe oprimida pelo despotismo feudal, associação armada e autônoma na comuna, aqui república urbana independente, ali terceiro estado tributário da monarquia; depois, durante o período manufatureiro, contrapeso da nobreza na monarquia feudal ou absoluta, base principal das grandes monarquias, a burguesia, com o estabelecimento da grande indústria e do mercado mundial, conquistou, finalmente, a soberania política exclusiva no Estado representativo moderno. O executivo no Estado moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa. (MARX; ENGELS, 1998, p. 41 e 42)

Marx e Engels apontam nesse trecho para o modo como a burguesia, a partir de seu processo revolucionário destituiu o antigo modo de produção dando lugar ao novo a partir de estágios específicos da organização da burguesia, que em sua época era a classe dominada. Com isto, os autores também indicam a organização do Estado enquanto comitê representativo de uma classe.

A burguesia, ao instaurar o Capitalismo e criar suas novas relações com o Estado, passa a geri-lo a partir do momento que as relações de produção se modificam, o Estado passa a ser aquele que dá validade ao modo de organização econômica, e consequentemente a dominação de uma classe pela outra.

O proletariado é a classe diretamente oposta à classe burguesa dentro do Capitalismo. O é por não possuir nada além de sua força de trabalho e por consequência da posse dos meios de produção pela burguesia, ser coagida a vender sua força de trabalho a mesma.

Com o desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos operários modernos, os quais só vivem enquanto têm trabalho e só têm trabalho enquanto seu trabalho aumenta o capital. Esses operários, constrangidos a vender-se a retalho, são mercadoria, artigo de comércio



como qualquer outro; em consequência, estão sujeitos a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações do mercado. (MARX; ENGELS, 1998, p. 46).

Os autores apontam essa classe trabalhadora, despossuída dos meios de produção, como consequência direta do Capitalismo, numa relação onde um só existe por conta do outro, numa relação dialética, o trabalhador só vive enquanto aumentam o capital do burguês, e esse aumento de capital em si é o que distância ainda mais as classes, gera mais trabalhadores.

A distinção de classes e sua dominação, apesar do contexto inicial do *O Manifesto*, não é dada somente no campo das classes enquanto condição econômica, as classes são observadas sob as condições materiais de vida, através do materialismo histórico e dialético, apontando assim enquanto classe dominada também os grupos socialmente subjugados.

Domenico Losurdo (2015) aponta para o fato de que Marx, ao contextualizar as lutas de classes no plural, já observava enquanto condição de dominação as lutas das mulheres e a luta anticolonialista, para além apenas do controle pelo capital. Através do materialismo histórico e dialético se vê a condição da mulher enquanto não detentora de sua própria força de trabalho e de reprodução, subjugada pela relação familiar, que aliada as novas formas de organização no capitalismo, as coloca em condições de desigualdade em diferentes contextos, e a luta anticolonialista em si como representação das formas de organização da classe trabalhadora em outros contextos de desenvolvimento do capitalismo na história.

Para Boito Jr. (1998, p. 117) “A ação do proletariado como classe dá-se, no Manifesto, no terreno político, colocando o proletariado em relação com todas as demais classes que compõem a sociedade capitalista.” Assim, o proletariado em si, se forma no capitalismo a partir da forma de organização da produção, em contradição com a classe dominante, mas também a partir das inovações técnicas do capitalismo, que coloca a classe média, num contexto onde seus meios de manutenção das condições materiais de vida se tornarem obsoletos, a ter que vender sua força de trabalho, onde também acabam se constituindo enquanto proletariado.

2. UM NOVO MODELO DE SOCIEDADE: O COMUNISMO

O Capitalismo, apresentado na obra, é um modo de produção baseado numa distinção de classes sociais cuja característica é a dominação, através do controle dos meios de produção por uma classe dominante, e da necessidade de uma classe dominada vender sua força de trabalho para se manter viva, enquanto gera aumento de capital, que consequen-



temente aumenta a desigualdade entre essas classes.

A condição essencial para a existência e supremacia da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos de particulares, a formação e o crescimento do capital; a condição de existência do capital é o trabalho assalariado. Este baseia-se exclusivamente na concorrência dos operários entre si. O progresso da indústria, de que a burguesia é agente passivo e involuntário, substitui o isolamento dos operários, resultante da competição, por sua união revolucionária resultante da associação. Assim, o desenvolvimento da grande indústria retira dos pés da burguesia a própria base sobre a qual ela assentou o seu regime de produção e de apropriação dos produtos. A burguesia produz, sobretudo, seus próprios coveiros. Seu declínio e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis. (MARX; ENGELS, 1998, p. 51)

O parágrafo acima traz considerações sobre a própria condição dialética de existência entre capital e trabalho, onde trabalho existe para aumentar capital, e a existência do capital aumenta a desigualdade através da compra da força de trabalho, porém, os autores apontam na condição de existência da classe trabalhadora, através do capitalismo, sua própria ferramenta de libertação, numa visão de inevitabilidade histórica de processos revolucionários referentes ao despotismo classista, isso é: dentro de um contexto onde as forças produtivas que geram os bens de riqueza se encontram-se conscientes de sua situação enquanto classe, é dado o início do declínio daquela sociedade em detrimento de um processo revolucionário cuja característica é a deposição daqueles tidos como dominantes, e ocupação do espaço de poder pelo dominado.

A partir da identificação do proletariado como classe revolucionária, por sua condição, os autores então chegam ao objetivo expressado na constituição da obra: a proposição de uma unidade política, através de um partido, para a conscientização e organização da classe trabalhadora através dela mesma em favor de uma luta cujo cerne é a de uma revolução proletária, destituindo o modo de produção capitalista e sua relação de capital e trabalho, e através disso, ocupar o Estado, cuja existência neste modo de produção se dá a validar através da legalidade a dominação de uma classe pela outra, e fazer com que o mesmo seja ferramenta para a constituição de um novo modelo de sociedade, o Comunismo.

Uma sociedade Comunista é uma sociedade sem classes. Com “sociedade sem classes”, refere-se a quebra da lógica classista específica do capitalismo, de sua relação dialética de acumulação de capital e trabalho, da dominação de uma classe pela outra através da mesma.

Durante *O Manifesto*, os autores apontam a organização comunista como um partido cujos



interesses gerais são os da classe trabalhadora. Nesse aspecto, na ordem burguesa, o partido estaria alinhado com outros partidos operários no que diz respeito à requisição de direitos para os que defendem. Porém, diferem, segundo Marx (1980, p. 51) em dois pontos: Os comunistas fazem valer a defesa da classe trabalhadora independente de nacionalidades diferentes, e dentro do desenvolvimento das lutas de classes, em qualquer lugar, sempre se colocam em defesa dos interesses do movimento em sua totalidade.

Com isso, entende-se que os partidos operários, enquanto partidos políticos sob o julgo de um Estado, priorizam atender as demandas e lutas por direitos dos trabalhadores em seu aspecto nacional, enquanto os Comunistas não distinguem nacionalidade no sentido de que lutam pelos trabalhadores em todos os seus contextos de exploração em diferentes nações.

Toda a obra é trabalhada sob a lógica do materialismo histórico e dialético. Através do método é observável que as condições de dominação materiais e históricas são cientificamente vistas como mutáveis a partir do processo revolucionário, onde os trabalhadores tomariam o poder através do Estado, para então reorganizar a lógica de produção socioeconômica e cultural.

A reorganização dessa lógica se dá do fato de que a ideologia de uma sociedade, ou seja, toda a produção de ideias e construção histórica é feita pela classe dominante, e para Marx (2001, p. 18) “A produção das ideias, das representações e da consciência está, a princípio, direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; ela é a linguagem da vida real.” Sendo todo o processo de construção das formas de consciência e dos ideais de uma sociedade se dá pela lógica da classe dominante, o proletariado ao revolucionar os meios de produção e ocupar o papel dominante, modifica o processo ideológico não só de si mesmo como de toda a sociedade.

No Manifesto Comunista faz-se o balanço geral da história, que obriga a ver no Estado o órgão de dominação de classe e conduz à conclusão necessária de que o proletariado não pode derrubar a burguesia sem ter conquistado primeiro o poder político, sem ter alcançado a dominação política, sem ter transformado o Estado em “proletariado organizado como classe dominante”, e que este Estado proletário começará a extinguir-se logo após a sua vitória, porque numa sociedade sem contradições de classe o Estado é desnecessário e impossível. (LENIN, 1980, p. 241)

Lenin aponta para a discussão sobre o Estado no próprio O Manifesto enquanto força que valida uma classe dominante e sua ideologia, com isto, o Estado é visto ao mesmo tempo como um caminho, através da revolução, de organização do poder, e ao mesmo tempo, algo a ser descartado dada a superação da necessidade de uma ferramenta de controle



ideológico e material.

O Comunismo então aparece como modo de produção, através de uma revolução da classe dominada contra a classe dominante, para através do Estado, reorganizar a ideologia da sociedade, a lógica de produção, e a manutenção das condições materiais de vida, quebrando com o ciclo histórico de desigualdades existente em todas as sociedades através das classes.

Apesar das mudanças ao longo da história, o Capitalismo continua organizado dentro de uma estrutura vista por Marx e Engels como a de um antagonismo de classes decorrente de uma divisão referente a posse de propriedade privada, ideologia e papel social.

A manutenção da dominação burguesa, segundo Marx (1998, p. 43) se dá através das constantes revoluções dos instrumentos de produção, de suas relações e consequentemente de todo o meio social.

As classes sociais se modificaram dentro de seus contextos ao passar do tempo, a burguesia adquiriu novos modos de manutenção de sua condição como classe dominante, através de novos meios de alienação, da implementação de novas técnicas quanto a organização da produção, e a classe trabalhadora enquanto classe explorada inova-se com estas para sobreviver.

Ao mesmo tempo, o Marxismo passou por atualizações, pela criação de novas correntes, novas maneiras de organizar uma unidade política quanto a conscientização de classe para uma possível organização anticapitalista, e por suas primeiras experiências concretas de uma revolução dos meios de produção.

REFERÊNCIAS

BOITO Jr., A. A constituição do proletariado em classe, a propósito do Manifesto Comunista de Marx e Engels. **Crítica Marxista**. São Paulo. Editora Xamã. Volume 1. nº 6. 1998.

ENGELS, F. **Carta para Joseph Bloch**. 1890. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1890/09/22.htm>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

LENIN, V I. **O Estado e a Revolução**. IN: Obras Escolhidas, Vol. 2. São Paulo: Editora Alfa-Omega. 1980.

LOSURDO, D. **A Luta de Classes Explica o Mundo. Carta Capital**, 2015. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/losurdo/2015/06/12.htm>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

MARX, K. **A Ideologia Alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. Martin São Paulo: Martin Fontes. 2001.

MARX, K.; ENGELS, F. **O Manifesto Comunista**. Tradução Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo. 1998.